

Não sabes o que é o ar, contudo, respiras. Não sabes o que é o sono, contudo, dormes. Não sabes o que é a noite, contudo, é nela que repousas. Não sabes o que é o coração, contudo, ele bate regularmente no teu peito, noite e dia, noite e dia, noite e dia.

Tens três meses de idade e estás como que envolta em rotinas, ficas na mesma posição ao longo dos dias porque não tens um casulo como as larvas, não tens uma bolsa como os cangurus, não tens um covil como os texugos ou os ursos. Tens o biberão com leite, tens o trocador com as fraldas e os toalhetes higiénicos, tens o carrinho com a almofada e o edredão, tens os grandes e quentes corpos dos teus pais. Rodeada disto, cresces tão lentamente que ninguém se apercebe, sobretudo tu mesma, porque primeiro cresces para fora, agarrando e fixando o que tens à tua volta com as mãos, com a boca, com os olhos, com os pensamentos, que através disso são criados, e, depois de o teres feito durante uns anos e o mundo ter sido estabelecido, comesças a descobrir o que se apreende, e comesças também a crescer para dentro, para o interior de ti própria.

Como é o mundo para um recém-nascido?

Luminoso e escuro. Frio e quente. Macio e duro.

Toda a quantidade de coisas que existe numa casa, todo o sentido que as relações numa família criam, todo o significado

em que as pessoas vivem é invisível, escondido não pela escuridão, mas pela luz da indiferenciação.

Alguém me disse uma vez que a heroína era fantástica, porque as sensações que despertava se pareciam com as que se tem quando somos crianças, quando tudo está assegurado, quando vivemos em total segurança, que é tão fundamentalmente boa. Todos os que se drogaram querem voltar a isso, porque sabem que existe e é possível.

A vida que eu vivo está separada da tua por um abismo. Está cheia de problemas, conflitos, deveres, coisas que têm de ser feitas, arranjadas, consertadas, de vontades que têm de ser satisfeitas, vontades que têm de ser rejeitadas e talvez magoadas, tudo numa corrente contínua, em que quase nada está parado, mas em que tudo está em movimento e tem de ser enfrentado.

Tenho quarenta e seis anos, e no meu entendimento, a vida consiste em acontecimentos que têm de ser enfrentados. E que os momentos de felicidade, todos eles, são o contrário.

O que é o contrário de enfrentar?

Não é regredir, não é deslizar para o teu mundo de luz e escuridão, calor e frio, macieza e dureza. Também não é a luz das coisas indiferenciadas, não é o sono ou o repouso. O contrário de enfrentar é criar, fazer, acrescentar qualquer coisa que não estava aqui antes.

Tu não estavas aqui antes.

Amor não é uma palavra que eu empregue frequentemente, parece ser demasiado grande para a vida que eu vivo, para o mundo que conheço. Também cresci numa cultura que é cuidada com as palavras. A minha mãe nunca me disse que me amava, e nunca eu disse que a amava. O mesmo com o meu irmão. Se dissesse à minha mãe e ao meu irmão que os amava, teriam ficado chocados. Ter-lhes-ia colocado um peso em cima, perturbado violentamente o equilíbrio que existe entre nós, mais ou menos como se aparecesse a cambaleiar de bêbado numa festa de batizado.

Quando nasceste, não sabia nada de ti, contudo, fiquei emocionado por tua causa, primeiro avassaladoramente, porque um nascimento é uma coisa avassaladora também para aquele que vê — é como se tudo o que está no quarto se concentrasse, como se surgisse uma gravitação que atraísse para si todo o sentido, de maneira que durante umas horas só existisse ali e que depois, pouco a pouco, se fosse diluindo cada vez mais, como que submetida às coisas do dia a dia, atenuada pelas horas vazias, mas, ainda assim, sempre presente.

Sou o teu pai, e conheces a minha cara, a minha voz e a maneira de te pegar, mas à parte disso, posso ser para ti seja quem for, pense eu seja o que for. O meu pai, o teu avô, que já morreu, passou os seus últimos anos com a sua mãe, e a existência deles foi cruel. Ele era alcoólico e tinha tido uma recaída, já não conseguia enfrentar nada, tinha desistido de tudo, bebia apenas. Que o fizesse em casa da sua mãe era significativo. Ela tinha-o dado à luz, tinha tratado dele, tinha-o levado para aqui e para ali, tinha providenciado para que ele estivesse quente, seco, bem alimentado. O laço que isso criou entre eles nunca se quebrou. Ele tentou, eu sei isso, mas não conseguiu. Por isso estava lá. Por isso podia ir ao fundo. Por mais decadência, por mais repugnância que houvesse, havia também amor. Bem lá dentro num sítio qualquer havia amor, o amor incondicional.

Nessa altura eu não tinha filhos, portanto não conhecia isso. Vi apenas a repugnância, a dependência, a regressão. Agora eu sei. O amor é muita coisa, a maior parte é fluido, relacionado com o que acontece, tudo o que vem e vai, tudo o que primeiro nos enche e depois nos esvazia, mas o amor incondicional é constante, arde levemente durante toda a vida, e quero que saibas isso, que nasceste nele e que ele te envolverá, aconteça o que acontecer, enquanto a tua mãe e eu formos vivos.

Pode ser que não queiras saber dele. Pode ser que lhe voltes as costas. Um dia compreenderás que não faz mal, que não altera nada, e que o amor incondicional é o único amor que não prende, mas liberta.

O que prende é outra coisa, é outra forma de amor, menos puro, mais misturado com aquele que ama, e tem uma força maior, pode obscurecer tudo o resto, e até destruir. Então tem de ser enfrentado.

Não sei como vai ser a tua vida, não sei o que nos vai acontecer, mas sei como a tua vida é agora e como é que estamos agora, e uma vez que não te vais lembrar de nada, da mais mínima das coisas, vou contar-te um dia das nossas vidas, na tua primeira primavera. Tinhas cabelo fino, parecia ruivo à luz, e crescia irregular; num círculo atrás da cabeça não havia cabelo nenhum, certamente porque estava sempre pressionado contra qualquer coisa, almofadas e mantas, sofás e cadeiras, mas seja como for achei estranho, porque não era o teu cabelo como a erva, que crescia onde o sol brilhava e havia ar?

A tua cara era redonda, a boca pequena, os lábios relativamente grossos, e os teus olhos eram redondos e relativamente grandes. Dormias numa cama de grades numa das pontas da casa, com um pêndulo de animais africanos suspenso sobre ti, enquanto eu dormia numa cama ao teu lado, era esse o meu trabalho, olhar por ti durante a noite, dado que a tua mãe tinha problemas com o sono, ao passo que eu dormia pesadamente como uma criança, acontecesse o que acontecesse à minha volta. Sucedia que acordavas de noite e choravas porque tinhas fome, mas como eu não acordava ou apenas te ouvia ao longe, muito ao longe, aprendeste de uma forma brutal que nada havia a esperar quando estava escuro, de modo que, apenas passadas algumas semanas, dormias toda a noite, desde que te deitávamos às seis da tarde até às seis da manhã.

Esta manhã começou como todas as outras. Acordaste às escuras e começaste a chorar.

Que horas são?

Procurei o telemóvel às apalpadelas, devia estar no parapeito da janela por cima da minha cabeça.

Ali estava ele.

A luz do ecrã, que não era maior do que a minha mão, quase encheu o quarto com um vago brilho.

Cinco e quarenta.

— Oh, é cedo, minha linda — disse eu, e sentei-me. O movimento fez o peito farfalhar e zunir, e tossi durante um momento.

Tinhas-te calado.

Dei dois passos até à tua cama de grades e debrucei-me para ti, pus as minhas mãos à volta do teu pequeno tórax e levantei-te, estreite-te contra o meu tronco, com uma mão por baixo da nuca e pescoço, apesar de conseguires manter a cabeça erguida.

— Olá — disse eu. — Dormiste bem?

Respiravas serenamente e deixaste cair a tua face sobre o meu peito.

Levei-te pelo corredor para o quarto de banho. Através da janela vi uma linha fina avermelhada sobre o horizonte a leste contra o céu escuro e a terra escura. A casa estava fria, a noite tinha sido de céu limpo e a temperatura devia ter descido, mas o secador da roupa, felizmente, tinha estado ligado de noite, e um pouco do seu calor, que às vezes era quase tropical, ainda se sentia lá dentro.

Deitei-te com cuidado no trocador que estava entalado entre a banheira e o lavatório, e voltei a tossir. Uma secreção em forma de bola soltou-se na garganta, cuspi-a para o lavatório, abri a torneira para despejá-la, via-a depositada no ralo de metal, escorregadia e viscosa, enquanto a água corria dos dois lados, antes de lentamente se inclinar para um e depois, de repente, como por vontade própria, desaparecer pelo cano abaixo. Num curto relance no espelho por cima do lavatório, vi a minha cara como uma máscara a fitar-me, fechei a torneira e debrucei-me para ti.

Olhaste para cima, para mim. Se pensaste em alguma coisa, não podia ser por palavras e conceitos, não podia ser alguma coisa que formulasses, apenas algo que sentias. “Aqui está ele”, podes ter sentido quando me viste, e, com o rosto que reconheceste, seguiu-se uma série de outras sensações ligadas ao que